

RESUMO

O estudo analisa a cultura na modernidade e na pós-modernidade articulando os conceitos de David Harvey e Zygmunt Bauman para compreender as transformações contemporâneas, sobretudo frente à globalização, à fluidez e à transitoriedade. Na modernidade clássica instituições sólidas e hierarquizadas estruturavam o pertencimento, regulavam o comportamento individual e promoviam a produção e o consumo de massa, como exemplificado pelo fordismo, associado à padronização cultural e econômica. Harvey argumenta que essas práticas moldaram hábitos, territórios e estilos de vida, criando uma rede global de produção, circulação e consumo que ainda influencia o presente. Na pós-modernidade líquida, Bauman identifica a substituição das instituições rígidas (*casa*) por estruturas flexíveis e transitórias (*acampamento*), refletindo a mobilidade, a liberdade individual e a instabilidade das relações sociais e culturais. O pertencimento, antes territorialmente fixo, torna-se relacional e efêmero, enquanto a cultura se manifesta como processo dinâmico e em constante movimento, marcado pelo sincretismo, pela interculturalidade e por fluxos digitais de informação. A emancipação do indivíduo deixa de depender da fixação territorial ou da adesão a normas coletivas, sendo redefinida pela autonomia e capacidade de experimentar. No entanto, a liberdade contemporânea coexiste com a incerteza, a anomia e a responsabilidade pessoal em contextos sociais e econômicos instáveis. O estudo conclui que a cultura contemporânea é produto da intersecção entre economia, tecnologia, relações sociais e significados simbólicos, exigindo uma análise crítica que reconheça a complexidade das interações locais e globais.

Palavras-chave: Cultura; Pós-Modernidade; Território; Turismo.

ABSTRACT

This study analyzes culture in modernity and postmodernity, articulating the concepts of David Harvey and Zygmunt Bauman to understand contemporary transformations, especially in the face of globalization, fluidity, and transience. In classical modernity, solid and hierarchical institutions structured belonging, regulated individual behavior, and promoted mass production and consumption, as exemplified by Fordism, associated with cultural and economic standardization. Harvey argues that these practices shaped habits, territories, and lifestyles, creating a global network of production, circulation, and consumption that still influences the present. In liquid postmodernity, Bauman identifies the replacement of rigid institutions (home) with flexible and transient structures (camp), reflecting mobility, individual freedom, and the instability of social and cultural relations. Belonging, previously territorially fixed, becomes relational and ephemeral, while culture manifests itself as a dynamic and constantly moving process, marked by syncretism, interculturality, and digital flows of information. Individual emancipation no longer depends on territorial fixation or adherence to collective norms, being redefined by autonomy and the capacity for experimentation. However, contemporary freedom coexists with uncertainty, anomie, and personal responsibility in unstable social and economic contexts.

The study concludes that contemporary culture is a product of the intersection between economics, technology, social relations, and symbolic meanings, requiring a critical analysis that recognizes the complexity of local and global interactions.

Keywords: Culture; Post-Modernity; Territory; Tourism.

1. INTRODUÇÃO

A construção textual apresentada objetiva trazer análises acerca de alguns eixos temáticos em relação à modernidade e à pós-modernidade relacionados com a questão cultural, associada com algumas das importantes transformações que ocorrem na contemporaneidade, principalmente no que concerne ao processo de globalização bem como à efemeridade, fluidez e transitoriedade; aspectos que cristalizam um novo cenário global com desdobramentos regionais e locais, através do qual se dão as diferentes e complexas relações na esfera cultural. Para tanto recorreu-se, de forma central, ao pensamento e à reflexão a partir das considerações de David Harvey¹ em *A Condição Pós-Moderna*, e da análise de Zygmunt Bauman² em *Modernidade Líquida*.

O esforço fixou-se na articulação entre os conceitos de modernidade e pós-modernidade. Buscou-se a construção de ideias e elaborações sobre como e em que medida se dá a espacialização em territórios do caráter flutuante da cultura nesta dinâmica que se faz presente neste primeiro quartel do século XXI.

2. PÓS-MODERNIDADE: DESDOBRAMENTOS CULTURAIS E ESPACIAIS

Há estudos e análises científicas, agregando uma vasta gama de pensadores com diversas correntes teóricas e metodológicas, quanto ao apontamento da crise de tradicionais instituições como instrumentos que possibilitem a emancipação do homem e a construção de uma vida centrada na dignidade humana, trazendo implicações marcantes para as facetas de ordem cultural. Este esgotamento se cristaliza principalmente através da sangria do caráter ideológico de certas instituições que, até o final dos anos 1960 e início dos anos 1970 do século passado, em algumas nações e em contextos específicos, serviam como palcos de contestação da ordem econômica, política e social vigente, fomentando práticas culturais que acabavam por manifestar este descontentamento através de diversas formas de expressão.

1 - HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral & Maria Stela Gonçalves. 25 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

2 - BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2021.

O “derretimento” das instituições, ilustrado pela crise identitária de boa parcela dos partidos socialistas no Ocidente, cujas práticas de poder atestam para uma contradição do discurso em relação à ação concreta, é um fator que se soma, concomitantemente, à crescente importância contemporânea de entidades ligadas ao terceiro setor, como as organizações não governamentais sobretudo de cunho ecológico, como instrumentos que efetivamente concretizam a tão esperada ação e transformação.

Para Zygmunt Bauman (2021) o engajamento político-ideológico, característico da modernidade clássica, além de não ser mais necessário torna-se ineficaz no tempo da modernidade líquida. Os agentes sociais não se fixam mais às doutrinas ultrapassadas e carregadas de contradições. Bauman (2021) recorre à bem construída metáfora da *casa* e do *acampamento*. A casa, sob a luz da modernidade dura e pesada, seria a instituição construída repleta de ordenações e regras, submetida a um certo comando ou controle, a um poder dirigente. Traria a segurança necessária e efetivamente necessária³ a seus membros, podendo-se inclusive abstrair um conceito associado à cultura: o de necessidade para o grupo, ou seja, a horda. Bauman (2021) trata, a rigor, de outras situações advindas através da modernidade líquida que se associam plenamente com esta ideia. *Não fale com estranhos*, por exemplo, é um apontamento popular que carrega um elemento moderno e pesado que pode ser atribuído ao pertencimento presente na territorialidade e associado com as práticas culturais radicalmente demarcadas, ou seja, com o recrudescimento das culturas duras protagonizadas sobretudo pelos agentes estatais comumente opressores.

Torna-se pertinente, a partir de tais formulações, trazer à tona elementos do fordismo, conforme David Harvey (2010), etapa de clara racionalização não apenas da planta industrial, através da qual se dá a produção em massa e o consumo em massa. Henry Ford oferece ao trabalhador o salário pago e o tempo necessário para o pleno consumo, criando condições para a realização do desejo do consumidor e alargando a base da demanda, necessária à plenitude do mecanismo de acumulação, conformando um movimento quantitativo. Alan Sugar, presidente da *Amstrad Corporation*, empresa do complexo industrial militar estadunidense, anos depois durante a década de 1970 em plena Guerra Fria, afirma: “se houvesse mercado de armas nucleares portáteis produzidas em massa, nós também as venderíamos.” (HARVEY, 2010, p. 317).

3 - Repetição proposital do termo.



Figura 1 – Evolução da marca da Amstrad Corporation, empresa criada no Reino Unido em 1968.

Fonte: <https://amstrad.com/about-us/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

Ao promover a inserção dos trabalhadores na esfera do consumo, o fordismo consolidou fundamentos importantes no que concerne aos mercados culturais por meio da mercadificação da cultura e da indústria cultural, objeto de análises mordazes de certos setores da Escola de Frankfurt.

Os anos 1920 trazem à América do Norte grande otimismo na economia movido pelo motor à combustão que dá os primeiros passos nas instalações fabris de Michigan, articulando toda a complexa cadeia produtiva do petróleo desde a prospecção até a distribuição nos primeiros postos de combustível. A Nova York deste momento retrata a efervescência cultural, reproduzindo sobremaneira suas características no campo das artes e espetáculos, destacando-se ainda as grandes estruturas formais urbanas, como o *Empire State Building*, a *Radio City* e o *Rockefeller Center* entre outras, e a instalação dos fixos, destacando-se a conexão dos trens de subúrbio com o avanço das redes de metrô, tendo a *Broadway* como um dos mais significativos símbolos deste cosmopolitismo ocidental.



Figura 2 – Grande palco do Radio City Music Hall, Nova York, Estados Unidos, inaugurado em 1932 e um dos maiores centros de espetáculos artísticos e musicais do mundo.

Fonte: <https://www.msg.com/guided-tours/new-york-city-tours/radio-city-music-hall-tour>. Acesso em: 22 nov. 2025.

O alargamento da demanda cultural é acompanhado pelo planejamento burocrático e racional do Estado keynesiano, necessário na intervenção e na regulação da economia através da criação dos instrumentos de política econômica, sobretudo após a Crise de 1929, estabelecida no excesso de oferta de crédito, na crise da superprodução e na grande especulação financeira.

Neste cenário, Harvey (2010) pontua a ascensão econômica e política dos Estados Unidos como potência global, principalmente no período entre as duas grandes guerras, em paralelo à edificação

do mercado global de consumo. Neste período as relações de poder se dão em patamares da ordem bipolar durante o período conhecido como Guerra Fria (1945-1989).

Durante os anos 1960, emergem as práticas contraculturais e as construções de críticas importantes acerca de alguns dos expedientes alicerçados na expansão capitalista após a II Guerra Mundial (1939-1945). Como exemplo o grupo musical *The Doors* começa a se apresentar em pequenos bares e em casas noturnas de Los Angeles e, mais tarde, em toda a Costa Oeste, trazendo melodias e letras de cunho emotivo, existencial e metafísico.

Alguns destes expedientes do capitalismo encontram-se plenamente articulados com o consumo de bens não duráveis e, mais do que isto, com a propagação da emergente e expansiva indústria cultural, sobretudo no campo cinematográfico e televisivo; sucessivamente caso do *Happy End* e dos enlatados.

O modelo fordista encontra significativo obstáculo nos anos 1970 devido ao choque do petróleo, que condiciona alguns estados nacionais a recompor reservas de capital. Arelado a isto Harvey (2010) aponta para um momento de inovação em vários campos da vida cultural, econômica e social.

A acumulação flexível, acompanhada do emprego da tecnologia agregada ao conhecimento e à qualificação da mão-de-obra, compõe um novo cenário de divisão internacional do trabalho em escala global, no qual os países desenvolvidos passam a oferecer requisitos locacionais vantajosos, fabricando produtos tecnológicos com alto valor agregado. Despontam-se setores econômicos da terceira revolução industrial, articulados com as implementações no campo dos transportes, dinamizando as articulações entre as unidades de gestão e de produção.

Concomitantemente, o modelo toyotista, ao agregar o conhecimento e incorporar outra dimensão produtiva, traz novas implicações nos mecanismos de dispersão das indústrias, criando novas regiões econômicas funcionais e desindustrializando áreas clássicas. O fato é que a industrialização plena não garante a efusiva oferta de mão-de-obra como outrora, durante a industrialização clássica até a primeira metade do século XX. Juntamente com a questão da comercialização da cultura, aparece a emergência do segmento de serviços e, conseqüentemente, o turismo, este como atividade global que preenche a lacuna das horas vagas disponibilizadas graças à alta composição orgânica do capital nos estabelecimentos industriais.

Instauram-se novas modalidades de trabalho, novos tipos de produtos e novos níveis de consumo, atributos que passam pela influência de uma nova compreensão da dinâmica espaço-tempo.

O tempo de giro, definido como “a velocidade com que os dispêndios de dinheiro produzem lucro para o investidor” (HARVEY, 2010, p. 171), revela-se um conceito lapidar visto que é continuamente encurtado. Os circuitos financeiros do capital se revelam dispersos espacialmente, mas conectados

graças às emergentes e contemporâneas tecnologias de informação instantânea. Tais recursos constituem-se em atributos muito importantes na reprodução do capital, gerando a superacumulação, expediente presente na pós-modernidade.

Para Harvey (2010), há encontra um problema para o fordismo, ou seja, a incapacidade, em certa medida, desta plataforma operacional de lidar com o problema da superacumulação tendo em vista a égide do Estado keynesiano que presume maior participação estatal e, teoricamente, maior controle diante dos fatores macroeconômicos.

Esta preocupação não opera somente no campo do lucro, mas no campo do consumo. Tem-se a necessidade imperiosa de se reproduzir os espaços da fruição da mercadoria, atrelados ao setor terciário da economia. Na pós-modernidade, além da emergência do chamado capital fictício ou especulativo, Harvey (2010) retrata a fluidez e a volatilidade com que o capital se move, de um lugar a outro, sem compromissos mais sólidos com determinados territórios ou lugares.

A análise das categorias do espaço e do tempo na vida social visa sedimentar alguns dos mais importantes vínculos presentes nos modos de produção: as práticas e processos materiais tendo em vista a reprodução da vida social, variando conforme aspectos geográficos e históricos.

As sociedades modernas apresentam uma concepção de tempo que se alinha aos movimentos cíclicos e repetitivos, muitos deles vinculados com a agenda semanal, por exemplo, demarcando sensação de segurança e de “avanço” na medida em que os dias, as semanas e os meses do ano vão sendo vividos. Neste tempo cíclico encontra-se o tempo da família e o tempo individual que, para Harvey (2010), é o tempo de acumulação do capital.

O geógrafo inglês contesta a neutralidade da prática, tanto temporal como espacial, pois sempre estarão munidas de significado expresso por meio de conteúdos que variam conforme se alternam os interesses das classes sociais. O autor sustenta que o tempo e o espaço assumem importância na configuração de estratégias de reprodução da mais valia, passando pela produção de bens de consumo, acelerando o ritmo de vida, em conformidade com o sistema capitalista.

O conceito de pertencimento, que se vincula com o território e concomitantemente agrega-se ao projeto de constituição de uma identidade, modelada muitas vezes sob uma forma de “nacional”, ou mesmo de “local”, se torna presente mesmo em cidades como Oizumi, Japão. Em um dos trechos de sua Carta Magna cita-se: “Valorize a sua história e os costumes de sua terra natal. Perfume a sua cidade com o aroma mais nobre que existe: a cultura”⁴. É a cultura vista como “casa”, logradouro onde se encontra segurança e proteção contra supostos estranhos, enfatizando com isto o isolamento, atributo que marcou sobremaneira a cultura oriental por muitos anos até a abertura comercial de portos japoneses

4 - Fonte: Oizumi: Cidade-Irmã de Guaratinguetá. Guaratinguetá: Museu Frei Galvão. Arquivo Memória de Guaratinguetá, 1996, n. 153, p. 1.

ocorrida em meados do século XIX.

Contrapondo-se à ideia da “casa” tem-se o “acampamento”. Este sem normas rígidas, não cabendo o papel de reter alguém, mas permitindo a fuga, a saída em qualquer momento; entrar e sair quando quiser. O “acampamento” submete-se aos preceitos da modernidade líquida que se relacionam com a fluidez das instituições e que não se fixam na territorialidade.

O poder *pós-Panóptico*⁵, termo que sugere a superação em relação ao Panóptico categorizado por Michael Foucault (2021) sendo associado ao controle e à vigilância, se revela na vanguarda das transformações tecnológicas pela instantaneidade e pela velocidade sem precedentes na história. Para Bauman (2010, p. 18) é o “fim da era do engajamento mútuo”, através do qual, durante o auge da modernidade sólida, havia a relação dual entre capital e trabalho, líder e liderado, mãe e filho, trazendo no aparelho do Estado o funcionário qualificado como “encarregado”, submetido ao controle constante de um olhar superior e assim sucessivamente, constituindo uma rede de poder hierarquizada e verticalizada (Bauman, 2010, p. 18). O poder pode se mover com a velocidade do sinal eletrônico. Em termos práticos o poder se tornou verdadeiramente extraterritorial, não mais limitado, nem mesmo desacelerado, pela resistência do espaço:

As principais técnicas do poder são agora a fuga, a astúcia, o desvio e a evitação, a efetiva rejeição de qualquer confinamento territorial, com os complicados corolários de construção e manutenção da ordem, e com a responsabilidade pelas consequências de tudo, bem como a necessidade de arcar com os custos. (Bauman, 2010, p. 18).

Outra análise a ser feita trata da fluidez dos lugares que seria, em verdade, o próprio “derretimento” de certos territórios não apenas em relação ao que se qualifica chamar, em uma designação primária e superficial, de “globalização da economia”. Há no meio acadêmico atual, dentro das Ciências Humanas sobretudo, a superação da análise da globalização de forma simplista, sem a devida elaboração de conexões, interfaces e sutilezas locais ligadas ao campo da arte e da cultura por exemplo, problematizando a atuação dos veículos de comunicação, a formação dos blocos de poder hegemônicos, as tentativas de resistência e, principalmente, as respostas que os grupos sociais oferecem fundamentadas em interfaces, trocas nos campos mais variados, no cambiar constante e mútuo e no caráter sincrético presente na dinâmica cultural⁶.

Um dos pontos nevrálgicos a ser discutido é exatamente o de compreender a cultura como processo dinâmico, carregado de movimentos densos, salutareis e significativos para as práticas culturais do

5 - “Pós” pois se revela como fator superado na atual fase de liquidez.

6 - Estas preocupações foram objeto de estudo e de pesquisa de alguns intelectuais como Garcia Canclini, Milton Santos e Octavio Ianni. Ver:

GARCÍA CANCLINI, Néstor. A globalização imaginada. 2 ed. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2020.

IANNI, Octavio. Enigmas da modernidade-mundo. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal. 32 ed. São Paulo: Record, 2021.

presente século que não mais se cristalizam mediante as variações de humor ou das vontades das tradicionais instituições, mas na plenitude do desfrute e da experimentação da vivência:

A expressão *dinâmica cultural* recebe agora, de volta, seu sentido original e forte, aquele que aparece na literal superfície da palavra: movimento. Movimento é a forma e a matéria da cultura, sua alma. Sob esse aspecto, a globalização, mais uma etapa da cultura flutuante, não significa necessariamente conflitos de culturas e menos ainda aniquilação de culturas mas, acima de tudo, um amplo deslocamento de diferentes culturas num largo leque de direções, trazendo como resultado inúmeras e por vezes fundas modificações em cada uma delas (TEIXEIRA COELHO, 2006, p. 6).

Pode-se dizer que há, conforme assinala Teixeira Coelho (2006, p. 6) a concepção marcante do caráter sincrético que a cultura assume atualmente. A intensificação dos movimentos, referindo-se aos deslocamentos físicos pelo espaço, articulada com os fluxos de informação estabelecidos ao longo das estradas digitais⁷, mediante a incorporação de técnicas mais aperfeiçoadas de troca de informações relacionadas com os recursos da era da informática, acentuam e aprimoram os intercâmbios nas mais diferentes áreas, estabelecendo redes virtuais de afinidades, grupos de discussões, envios e recebimentos de milhões de mensagens de *e-mail* que, diariamente, cambiam arquivos de texto, arquivos gráficos, relatos de experiências emotivas e sociais, enfim, produzindo novos patamares de relacionamento entre distintos segmentos sociais em distintas localidades. Contudo, é bom que se estabeleça que o sincretismo cultural não se resume no aprimoramento dos recursos técnico-científicos. É, pois, prática existente há milhares de anos desde as civilizações pré-Cristãs mais remotas.

A emancipação não torna imprescindível o assentamento como necessidade capital, primordial, ou seja, a formação de um complexo de raízes fixadas ao solo, como na modernidade clássica, vinculando-se em termos econômicos, com base nas políticas dos impérios europeus, à necessidade de se obter as matérias-primas indispensáveis aos processos de industrialização, precisamente em fins do século XIX e início do século XX. No atual processo a itinerância e o nomadismo⁸ substituem ou, em certa medida, reatam os patamares da emancipação no âmbito do indivíduo. Emancipar-se no atual contexto da liquidez significa atingir certa autonomia, possuir liberdade para agir, imaginar e alcançar, realizar desejos.

Rompe-se, para Bauman (2010) com a visão de Émile Durkheim acerca da coesão social em se tratando das práticas de coerção do indivíduo pelo grupo através do gosto médio, que em verdade seria o

7 - Ver: GATES, Bill. A estrada do futuro. Tradução: Beth Viera... et. al. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

8 - Interessante recorrer aos povos nômades problematizados por Bauman que, durante a Antiguidade Clássica sobretudo, percorriam os territórios da África, Ásia e Europa trocando mercadorias e estabelecendo as mais ricas e variadas experiências culturais com diferentes comunidades, configurando a atividade comercial também como um atributo cultural dos mais relevantes. Torna-se possível estabelecer nexos com a divindade Hermes da mitologia grega: deus mensageiro, do comércio, das viagens etc.

mediocre, das normas e na execução de punições. Neste sentido o mesmo Bauman (2010, p. 28) assinala que “a liberdade não pode ser ganha contra a sociedade” e ainda que a anomia, ausência de normas, é um dos piores cenários que podem ser formados para a edificação de uma verdadeira emancipação.

Contudo, o diálogo que pode ser reproduzido e analisado é de que os conceitos da emancipação trazidos pela modernidade clássica, associados com as formulações de Theodor Adorno e Max Horkheimer, articuladores da teoria crítica, estão impregnados pela ideia de ordem associada ao totalitarismo:

A sociedade totalitária da homogeneidade compulsória, imposta e onipresente, estava constante e ameaçadoramente no horizonte – como destino último, como uma bomba nunca inteiramente desarmada ou um fantasma nunca inteiramente exorcizado (BAUMAN, 2010, p. 28).

A fábrica fordista se revela para Bauman (2010) como um ícone desta fase moderna e, ao mesmo tempo, dura e implacável para com o movimento individual. Os movimentos rotineiros da fábrica de Ford, que se expande para outros setores clássicos da industrialização, transformam o tempo da fábrica em rotina e, mais do que isto, acabam por desqualificar quaisquer tentativas de caráter emancipatório no nível dos indivíduos.

O fordismo e, de certa forma também o taylorismo, foram alvos de críticas contundentes também no campo das artes cinematográficas pelo cineasta Charlie Chaplin que, em Tempos Modernos, através do personagem Carlitos, satirizou com astúcia e perspicácia os movimentos repetitivos dentro do sistema da fábrica tradicional, banalizando a rotina dos funcionários e concretizando a exploração capitalista do trabalho alheio. Como as práticas totalitárias, por mais antagônicas que possam parecer, se encontram sem espanto como dois pontos que se movem orbitando sobre as extremidades de um círculo perfeito, Chaplin fora alvo do macarthismo. Este movimento radicalizado por meio do pensamento anticomunista encabeçado pela ala conservadora do Partido Republicano, influenciada pela ideologia armamentista promovida pela formação do complexo industrial-militar concebido pelo presidente dos Estados Unidos Dwight Eisenhower, acabou sendo decisivo para expulsar o artista dos Estados Unidos no início dos anos 1950.

David Harvey (2021, p. 131) assinala, no que concerne ao período fordista, a criação não apenas da produção em massa, mas de um mercado de consumo de massa. Quando Ford aumenta os salários de seus trabalhadores o faz não por benevolência ou complacência aos movimentos operários e sindicais, mas para garantir meios que levasse ao aumento da base consumidora dos automóveis, o que acabou ocorrendo.



Figura 3 – O personagem Carlitos (Charlie Chaplin) em Tempos Modernos (Estados Unidos, Charlie Chaplin, 1936).

Fonte: <https://www.charliechaplin.com/en/films/6-Modern-Times/articles/6-Filming-Modern-Times>. Acesso em: 22 nov. 2025.

A problematização colocada por Harvey (2021) aponta ainda para a plenitude da administração científica racional no âmbito das estratégias globais das fábricas e de suas plantas industriais cada vez mais complexas e com maiores extensões físicas e para a padronização dos hábitos de consumo em escala global, tendo como um dos elementos constituintes deste cenário um Estado aparelhado, burocratizado e instrumentalizado para garantir as condições macroeconômicas e as infraestruturas necessárias para a plena realização destes preceitos, tais como energia, indústria de base e sistemas de

transportes agregando diferentes modais.

Produção em massa significava padronização do produto e consumo de massa, o que implicava toda uma nova estética e mercadificação da cultura...[...] O gerencialismo estatal fordista e keynesiano passou a ser associado a uma austera estética funcionalista (alto modernismo) no campo dos projetos racionalizados. (HARVEY, 2010, p. 131-p. 133).

No âmbito do sistema de classes arquitetado sob a tutela do fordismo, emergem os conflitos entre os estamentos sociais que reforçam ou intensificam a hegemonia da ação coletiva em relação à ação individual. Bauman (2010, p. 39) realimenta, citando Norbert Elias em *A sociedade dos indivíduos*, a importância das vivências de cada um na formação da coletividade em um cenário de convivência recíproca entre “dominação” e “liberdade”.

Retomando posteriormente esta discussão Bauman (2010, p. 41-42) afirma que as classes sociais, em verdade, são fontes alimentadoras que devem ser buscadas pelos indivíduos mais “fracos”, aqueles incapazes de se auto afirmar, buscando na ação coletiva estratégias para suprir os inadequados recursos individuais. O sociólogo polonês é taxativo quanto à individualidade ao considerar: “Não se engane: agora, como entes – tanto no estágio leve e fluido da modernidade quanto no sólido e pesado – a individualidade é uma fatalidade, não uma escolha”. (BAUMAN, 2010, 43).

O que se observa também é uma relação estreita entre a perda da “solidez” institucional juntamente com a emergência da “fluidez” das relações econômicas. Estas últimas assumem, na passagem da modernidade para a pós-modernidade, uma forte vinculação com o segmento terciário da economia, emergindo o setor de serviços, e, logicamente, com as práticas de consumo na sociedade contemporânea associadas com o lazer e com a profusão sem precedentes da atividade turística em escala global.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise conduzida ao longo deste estudo demonstra que a compreensão da cultura no contexto da pós-modernidade deve ser pensada a partir de múltiplas dimensões: histórica, econômica, social e simbólica. O diálogo entre os conceitos de modernidade e pós-modernidade, articulado pelos pensamentos de David Harvey (2010) e Zygmunt Bauman (2021), permite perceber como os processos de globalização, fluidez e transitoriedade redefinem não apenas as práticas culturais, mas também a forma como os indivíduos se relacionam com o espaço, com as instituições e consigo mesmos.

David Harvey (2010), ao analisar a condição pós-moderna, destaca que a aceleração do capital, a padronização do consumo e a expansão de redes globais de produção e circulação impõem uma

reconfiguração das estruturas culturais e sociais. A lógica fordista de produção e consumo de massa, embora ainda influente, foi gradualmente suplantada por dinâmicas mais líquidas e fragmentadas, onde a estética e a mercantilização da cultura desempenham papéis centrais. A administração científica e a racionalidade funcional, que caracterizaram a modernidade clássica, cederam espaço a formas de organização mais flexíveis, capazes de responder à volatilidade do mercado e às demandas culturais emergentes. Nesse sentido, Harvey (2010) oferece ferramentas conceituais que ajudam a compreender como a economia globalizada molda simultaneamente territórios, hábitos e estilos de vida, transformando o consumo cultural em um eixo estratégico da sociedade contemporânea.

Por sua vez, Zygmunt Bauman (2021) aprofunda a compreensão da fluidez característica da pós-modernidade, exemplificando-a nas metáforas da “casa” e do “acampamento”. A “casa”, representando as instituições sólidas e reguladoras, simboliza segurança e pertencimento, enquanto o “acampamento” reflete a liberdade, a transitoriedade e a mobilidade inerentes à modernidade líquida. Esta dicotomia comprova que os vínculos sociais, culturais e territoriais deixaram de ser fixos, tornando-se instáveis e temporários. A liberdade individual, a autonomia e a capacidade de construir trajetórias pessoais agora coexistem com a incerteza e com a dissolução de normas antes consideradas universais.

O estudo também demonstra que o fenômeno da globalização cultural não deve ser interpretado apenas como homogeneização ou aniquilamento das culturas locais. Ao contrário, a interculturalidade e o sincretismo surgem como práticas centrais do século XXI, mediadas por tecnologias digitais, fluxos de informação e redes sociais. A circulação de ideias, produtos culturais e experiências sociais redefine o conceito de territorialidade, tornando-o móvel, relacional e interdependente. Nesse contexto, a cultura torna-se um processo dinâmico, marcado pelo movimento, pela experimentação e pelo constante reordenamento de valores, tradições e significados.

Além disso, as análises apresentadas indicam que a emancipação do indivíduo, tão central nas concepções modernas, assume novas formas na pós-modernidade líquida. Não se trata mais da fixação territorial ou da adesão rígida a instituições coletivas, mas da capacidade de agir, imaginar e experimentar livremente, navegando entre fluxos culturais e sociais múltiplos. Contudo, essa liberdade não é absoluta: ela se confronta com a instabilidade, a anomia e a responsabilidade individual em um mundo onde os sistemas sociais e econômicos já não garantem coesão ou previsibilidade.

Por fim, o diálogo entre Harvey (2010) e Bauman (2021) aponta que a cultura contemporânea não é apenas produto de transformações econômicas e tecnológicas, mas também de processos sociais e simbólicos complexos, nos quais a identidade, o pertencimento e a experiência subjetiva são continuamente negociados. A pós-modernidade, portanto, impõe o desafio de compreender e intervir em cenários em que as fronteiras entre local e global, fixo e móvel, sólido e líquido, se tornam cada vez mais tênues. A reflexão crítica sobre esses processos é essencial para a análise de fenômenos culturais contemporâneos e para a formulação de estratégias que valorizem a diversidade, promovam a inclusão

e estimulem a participação ativa dos indivíduos na construção de suas próprias experiências culturais.

REFERÊNCIAS

AMSTRAD. About us - Amstrad - A look back at Lord Sugar's Products & Story. Disponível em: <https://amstrad.com/about-us/>. Acesso em: 22 nov. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.

CHAPLIN, Charlie. **Filming Modern Times**. Disponível em: <https://www.charliechaplin.com/en/films/6-Modern-Times/articles/6-Filming-Modern-Times>. Acesso em: 22 nov. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **A Globalização Imaginada**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2020.

GATES, Bill. **A Estrada do Futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HARVEY, David. **A Condição Pós-moderna**. 25. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

IANNI, Octavio. **Enigmas da Modernidade-mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

OIZUMI: cidade-irmã de Guaratinguetá. **Guaratinguetá**: Museu Frei Galvão; Arquivo Memória de Guaratinguetá, 1996. (n. 153, p. 1).

RADIO CITY MUSIC HALL TOUR EXPERIENCE. MSG Entertainment Holdings, LLC. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.msg.com/guided-tours/new-york-city-tours/radio-city-music-hall-tour>. Acesso em: 22 nov. 2025.

SANTOS, Milton. **Por uma Outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. 32. ed. São Paulo: Record, 2021.

TEIXEIRA COELHO, José. **Cultura e Negatividade**: o inerte cultural. Disciplina: A Cultura Flutuante – A Dinâmica do Novo Século. Núcleo de Pós-Graduação. São Paulo: ECA-USP, 2006. Mimeografado.

TEIXEIRA COELHO, José. **Nem Tudo é Cultura**. Disciplina: A Cultura Flutuante – A Dinâmica do Novo Século. Núcleo de Pós-Graduação. São Paulo: ECA-USP, 2006. Mimeografado.

TEIXEIRA COELHO, José. **Uma Cultura para o Século**. Disciplina: A Cultura Flutuante – A Dinâmica do Novo Século. Núcleo de Pós-Graduação. São Paulo: ECA-USP, 2006. Mimeografado.